

Juventudes e música nas periferias: a formação sociocultural e política dentro das comunidades

Comunicação

Ana Clara da Silva Ponciano
Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN)
claraponciano9@gmail.com

Mário André Wanderley Oliveira
Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN)
mario.andre@ufrn.br

Resumo: Esta comunicação apresenta resultados parciais de um trabalho de conclusão de curso realizado na Licenciatura em Música da UFRN. Este estudo investigou o papel da música na construção da identidade sociopolítica e cultural de um jovem ligado à cena hip-hop em Natal. Utilizando abordagem qualitativa e técnicas de levantamento documental e entrevistas, os resultados destacam a estreita relação entre o envolvimento do jovem com o hip-hop e sua formação sociopolítica e cultural. Essa conexão entre a formação musical no movimento hip-hop e outros aspectos de sua formação geral é fundamental. Espera-se que este estudo contribua para o conhecimento do hip-hop no campo da música e influencie políticas institucionais que incorporem esse movimento nos ambientes formais de ensino musical.

Palavras-chave: Hip-hop; Formação sociocultural e política; Contra hegemonia.

Introdução

Atualmente, nas periferias, a cultura musical hegemônica tem grande influência sobre a escuta, sobretudo das juventudes. Entender o modelo de sociedade atual e suas influências sobre a música dentro das periferias permitiria compreender como a música que está sendo produzida na visão mercadológica, carrega um processo de alienação ao consumidor. Também possibilitaria compreender que na contramão dessa lógica, há um movimento de artistas independentes que não se sujeitam às condições da indústria, produzindo uma música contra hegemônica, com bases na crítica social. Sendo assim, a questão norteadora desta pesquisa é: como os indivíduos inseridos na cultura hip-hop e periférica natalense, se organizam e se posicionam perante a cultura musical hegemônica?

O fazer musical não hegemônico aborda questões que assolam a sociedade como os preconceitos estruturais e sistêmicos (racismo, machismo, misoginia, LGBTfobia, capacitismo, etc.), a desigualdade social, além de críticas à política e, sobretudo, ao capital. Portanto, ao estudar a relação entre a música hegemônica e a não hegemônica, pode-se ter uma compreensão ampla sobre as preferências musicais para o mercado e entender porque nessa pirâmide de escolhas, a indústria não coloca ao topo os artistas independentes, sobretudo os que fazem música contra sistêmica.

Para tanto, nesta comunicação são apresentados resultados parciais de um Trabalho de Conclusão de Curso que tomou como objeto de estudo a perspectiva de um jovem da cena hip-hop natalense, a fim de compreender o papel da música no processo de construção de sua identidade sociopolítica e cultural.

Revisão bibliográfica

O movimento hip-hop surge da diáspora africana e adentra à dinâmica artística-cultural dos guetos dos Estados Unidos. E, honrando a sua gênese, não há como dissertar sobre a musicalidade desse movimento sem relacioná-lo às negras e negros, às favelas, às classes populares, a todos os povos segregados. Diante de todas as privações de direitos, essas categorias se unem na luta contra toda forma de opressão. Assim, o rap traduz a denúncia por meio da música. Segundo Souza; Fialho e Araldi (2008): “O hip-hop tem sua filosofia própria, com valores construídos pela condição das experiências vividas nas periferias de muitas cidades” (SOUZA; FIALHO; ARALDI, 2008, p. 13). Gonçalves (2013) complementa essa discussão ao falar que o movimento se constrói com bases na crítica social, haja vista que “a cultura hip-hop teve como elemento condutor os questionamentos sobre as desigualdades sociais que assolavam uma grande parcela da população negra que vivia em uma condição de pobreza material e exclusão social” (GONÇALVES, 2013, p. 66).

O hip-hop no Brasil, desde a década de 90 influencia a trajetória de grupos de artistas da periferia. Foi com a ascensão de grupos como os Racionais MCs, Detentos do Rap, Pavilhão 9, Sabotage, 509-E, dentre outros, que muitos jovens se motivaram a fazer rap, se identificaram com as letras das músicas, com o estilo e toda a poética do movimento e se somaram a ele, sobretudo pela possibilidade de se tornarem artistas, comenta Dayrell (2002),

pois não havia “como pré-requisito a utilização de instrumentos musicais [...]” (DAYRELL, 2002, p. 126).

Nesse contexto, a cena cultural também foi sendo construída no município de Natal. Ao longo dos anos, esse movimento ganhou ênfase nos bairros periféricos da cidade, principalmente por meio da ampliação de batalhas de rima, da descoberta e ascensão de rappers e grupos no cenário da cidade, do crescimento de iniciativas e espaços que fortalecem o movimento e do aumento do público ouvinte, consumidor e apoiador.

Atualmente, é possível observar dentro do campo da educação musical o avanço das discussões que abordam hip-hop, periferias e indústria musical. A partir de breve levantamento nos principais periódicos da área, por meio dos descritores “educação musical”, “hip-hip”, “formação sociopolítica”, dentre outros, foram encontrados trabalhos que versam sobre o movimento dentro da formação musical escolar de jovens, sobre a criação e composição musical, sobre o currículo, sobre escuta e gosto musical, sobre projetos sociais, etc., a maioria concentrados no ambiente da escola.

Acerca do ensino e aprendizagem em espaços extra-escolares, foram encontradas algumas pesquisas relacionadas. Araldi (2007) realizou um trabalho sobre a prática musical e a formação de DJs da cidade de Porto Alegre. Ela afirma que esse aprendizado se dá pelo meio inserido, sem necessariamente depender da instrução de um professor (ARALDI, 2007, p. 3). Silva (2018) disserta sobre a construção de uma identidade afrodiáspórica por meio do hip-hop e fala do ensino de música para jovens em oficinas realizadas na Casa de Hip-Hop de Diadema, ressaltando que o ensino vai além dos conteúdos que são transmitidos (SILVA, 2018, p. 87) e que, portanto, não há uma preocupação exclusiva com o ensino técnico musical, mas também com a dimensão da formação humana.

Entretanto, mesmo com a ampliação significativa deste debate que inclui a perspectiva da diversidade e diferença, sobretudo com recorte dos marcadores sociais, pesquisas como estas são pouco exploradas dentro do campo da educação musical. Dessa forma, para a discussão pretendida nesta pesquisa, a articulação do conceito de contra hegemonia com o campo da música, pode elucidar como ocorrem os processos de dominação e insubordinação dentro das comunidades periféricas e que atores estão diretamente envolvidos.

Além disso, pode-se dialogar esse conceito com as contribuições de Gonçalves (2013) para pensar sobre o hip-hop e seus efeitos nas periferias. A autora vai atribuir o que seria “rap engajado” a um potencial criativo “que pode se constituir em um campo de experimentações para dar vazão às novas atitudes, afetos e, por conseguinte, novos modos de pensar e viver na pobreza” (GONÇALVES, 2013, p. 118).

Desse modo, o movimento age nas periferias como uma forma de engajamento e de reformulação das vivências dentro desse lugar. E complementa que: “a arte ‘periférica’ é produzida a partir de uma dinâmica que subverte a lógica de produção capitalista, porque o objetivo geral do produto gerado, tanto é a defesa da vida na periferia, quanto a defesa do território ‘periférico’, lançando mão, para isso, da arte e da cultura” (GONÇALVES, 2013, p. 127).

A relação com o território é bastante demarcado no discurso do hip-hop, trazendo a valorização da periferia e de quem nela vive. Há uma relação de pertencimento social, que se manifesta na defesa do seu local. Reily (2021) aborda o conceito de ‘musicar local’, dialogando sobre a influência das localidades na construção das relações musicais e da vida cotidiana. Para ela:

Enquanto tecnologia de interatividade de considerável eficácia, o musicar local cumpre um papel primordial na produção e sustentação de localidades. Ele se integra ao projeto político da produção de cada localidade. Ao se integrarem à vida cotidiana, os musicares se tornam espaços que promovem sentimentos de pertencimento e compromisso para com os contextos em que são vividos e para com aqueles com quem as experiências foram compartilhadas. (REILY, 2021, p. 18).

Ademais, o compromisso com o território se concretiza dentro de lutas como direito à cidade, à mobilidade, à serviços essenciais para uma vida digna. E além de perpassar pautas sociais, essa relação também é vivenciada por trocas simbólicas e subjetivas entre os atores do movimento hip-hop e o espaço que estão inseridos (ARAÚJO, 2019).

No município de Natal, esse processo também se evidencia no engajamento dos mantenedores da cena na defesa da cultura hip-hop frente à desvalorização desta nos mecanismos de incentivo e promoção. Araújo (2019) disserta sobre a falta de equipamentos próprios para manutenção da estrutura mínima das batalhas de rima e que isso influencia diretamente na permanência desses espaços.

A autora vem trazer o conceito de contra hegemonia no retrato da cena do hip-hop em Natal, sobretudo nos contextos das batalhas. Conforme ela:

[...] as batalhas possuem um forte aspecto contra hegemônico que a juventude subalterna, de forma organizada e articulada consegue utilizar para se impor e mostrar publicamente que existem e resistem através do conjunto das ações artísticas e culturais semanalmente apresentadas nas Batalhas. Os jovens da periferia conectam diversas relações complexas presentes em seu próprio território, no momento de protagonismo que as Batalhas e as letras de Rap proporcionam (ARAÚJO, 2019, p. 16-17).

Coutinho (2008) corrobora com o conceito e traz contribuições à luz do pensamento de contra hegemonia. Ele aborda o potencial de organização dentro das comunidades em virtude da opressão massiva, pois “nos lugares onde a pressão social é mais intensa e o Estado mais opressivo, são mais escassas e precárias as organizações político-culturais populares” (COUTINHO, 2008, p. 2).

O autor discute o conceito no campo das comunicações, mas contribui para a análise do mesmo movimento que ocorre nos processos musicais. O silenciamento de expressões artísticas insubordinadas é uma das estratégias do capital, pois, como afirma Coutinho (2008, p. 3) “as elites condenam as massas ao silêncio, barrando qualquer iniciativa que represente uma ameaça de democratização da comunicação”. Então, negar espaços para uma arte não subserviente como o rap é não ter a intenção de propagar o que ela tem a denunciar.

A partir dessas e outras contribuições teóricas, pode-se traçar um parâmetro de análise e investigação da cena musical do hip-hop de Natal e região metropolitana, que considere como a formação sociopolítica e musical se correlacionam em espaços alternativos de aprendizagem, além de considerar o contexto atual em que se encontra a citada cena, no que condiz ao respeito, espaço e valorização.

Metodologia

A pesquisa configurou-se como um estudo de caso (GIL, 2007, p. 54), o qual conforme Fonseca (2002) tem uma forte tendência descritiva” (FONSECA, 2002, p. 34). Como principal técnica de produção de dados, foi adotada a entrevista semiestruturada, o que possibilitou que o participante/entrevistado fosse agente ativo na pesquisa, contribuindo para a sua



elaboração e desenvolvimento a partir do momento em que concede o seu relato (TRIVIÑOS, 1987).

Foi elaborado, inicialmente, um roteiro de entrevistas com 10 questões vinculadas à temática do estudo. As questões foram organizadas com base nos seguintes tópicos: a relação com o hip-hop; a sua importância; o papel da música dentro do movimento e para as juventudes; a influência do hip-hop dentro da comunidade/periferia e a relação do entrevistado com seus locais de moradia; a função sociopolítica do hip-hop e os seus desafios atualmente; e finalizando, foi solicitada uma reflexão sobre o participante se veria sem essa expressão.

No que condiz aos cuidados com o processo de coleta do material empírico, a entrevista teve sua gravação em áudio, uma vez que o registro da fala do participante já cumpria o objetivo de compreender o seu relato. A permissão para gravação foi solicitada ao colaborador, bem como a utilização de seus direitos patrimoniais, por meio do documento formal do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE.

No estudo, foi garantido o anonimato ao colaborador. Essa escolha deveu-se à decisão de garantir ao entrevistado a possibilidade de responder às questões de maneira espontânea e segura. Rocha (2021) discute que o cuidado ao realizar pesquisas com o uso de entrevistas e dados do colaborador confere justamente “ao risco que uma dada pesquisa pode gerar aos(às) seus(suas) participantes” (ROCHA, 2021, p. 6). Vale salientar que por se tratar de uma temática que implica inúmeras problemáticas já trazidas no texto, requer uma atenção ainda maior na abordagem adotada. Entretanto, como comentam Boni e Quaresma (2005), deve se atentar, pois em alguns casos “por parte do entrevistado há insegurança em relação ao seu anonimato e por causa disto muitas vezes o entrevistado retém informações importantes” (BONI; QUARESMA, 2005, p. 76). Então, construir a confiança e propiciar um espaço de acolhimento da narrativa trazida tende a contribuir para o êxito desse processo metodológico. Assim, o colaborador do estudo foi chamado de KL.

Resultados

O entrevistado, um jovem negro de 17 anos que cursa o 1º ano do ensino médio em uma escola pública, compartilha sua experiência no movimento hip-hop, começando desde

sua juventude. Ele também é parte ativa do cenário do rap na cidade de Natal. Ele descreve como sua relação com o movimento começou e como ele se mantém nele, mencionando sua tentativa de trabalhar profissionalmente com o gênero na cena local. Durante a entrevista, o entrevistado destaca sua necessidade de se afirmar como artista e lutar pelo reconhecimento dentro da cena hip-hop em Natal. Seus aspectos socioculturais e políticos são evidenciados ao longo de sua trajetória no movimento, o que traz à tona questões importantes para a discussão sobre o ensino de música em diferentes contextos.

KL descreve sua experiência com o movimento hip-hop desde sua juventude. Ele destaca como começou sua conexão com o movimento e como se mantém nele, incluindo seus esforços para trabalhar profissionalmente com o gênero dentro da cena local. Ao discutir a relação das periferias onde reside com a cultura, ele expressa a falta de investimento e reconhecimento das comunidades locais, especialmente em relação à música e à cultura do bairro. Ele ressalta que há uma preferência por artistas de fora em detrimento dos talentos locais. Ele acredita que um novo olhar dos contratantes seria necessário para valorizar a cultura local e reduzir a criminalidade. O entrevistado também comenta sobre a falta de apoio à música local e o foco excessivo na música e nos artistas em destaque nas mídias e nas paradas de sucesso, o que reflete a atual situação da indústria fonográfica brasileira.

Infelizmente, o hip-hop não é reconhecido, embora tenha aqueles artistas daqui. Mas se você perguntar, acredito que vão saber mais quem canta outros ritmos, como... esses batidão que estão em bailes, e vão saber quem são esses caras, todos que moram no bairro vão saber. Mas se perguntar “e quem canta rap aqui? Você sabe?” No máximo vai falar o nome de uma pessoa porque é amigo, E se for aqui, porque muito... Tem muitos artistas que moram por aqui. Só na minha rua tem eu e mais três ou quatro por aí. Mas pra baixo tem mais cinco e assim vai. Então são grupos e solos que moram aqui, que não são reconhecidos, que precisam ir pra outros bairros para ter a oportunidade de cantar e viver de hip-hop, rap. Precisam ir pra outro bairro pra ter oportunidade de cantar, e mesmo assim nem são pagos. Tira a passagem do bolso, vai pra lá, chega lá, aí dizem “ah, a festa não foi boa”, não paga você, Então você vai com o seu dinheiro voltar pra casa, cantou de graça e não tem reconhecimento artístico do seu próprio bairro e nem do bairro de fora (KL, 2022).

O jovem indicou possuir uma forte ligação e identificação com sua comunidade, defendendo e se preocupando com ela. Ele destaca a falta de música e cultura em sua região, apontando para um polo cultural na praça do bairro que poderia ser aproveitado para batalhas

e shows de artistas locais. No entanto, ele observa que os contratantes não valorizam a cultura local, optando sempre por pessoas de fora. KL acredita que é necessário um novo olhar dos contratantes para trazer a cultura do bairro e reduzir a criminalidade presente. Ele enfatiza a falta de apoio à música local e o foco excessivo nas tendências populares nas mídias e paradas de sucesso.

Além disso, KL expressa uma relação com seu bairro, Bom Pastor, valorizando a cultura que existia no passado e lamentando a criminalização que ocorre atualmente. Ele deseja reviver e fortalecer a cultura local, enfatizando a importância de espaços de sociabilidade, como a praça, para envolver e engajar os jovens da comunidade. A falta de acesso ao lazer, como praças, cinemas e espaços culturais, é um fator que afeta significativamente a vida dos jovens na periferia, conforme destacado por Gonçalves (2013).

Eu acho que falta música aqui ainda, falta cultura... bastante. Principalmente por aqui temos um polo muito grande da cultura aqui na praça, que já poderia estar com batalhas aí, shows de artistas locais por aqui. Mas infelizmente, os contratantes, o pessoal que contrata a música, não foca na cultura do próprio bairro, sempre quer as pessoas de fora, de outras cidades, de outros lugares. Então, acho que tá faltando um novo olhar do contratante para trazer a cultura do bairro para amenizar essa criminalidade que existe aqui dentro (KL, 2022).

A sua relação com o bairro em que reside se relaciona com o que Reily (2021) fala sobre o pertencimento e o compromisso com a localidade que se vive e das geografias emocionais, considerando que lugares que se tem fortes sentimentos bons, influenciam nessas emoções (REILY, 2021, p. 13). Assim, KL desenvolveu um apego com o seu território, que faz com que ele se preocupe e se engaje com o desenvolvimento do bairro Bom Pastor.

Ele, ainda, destaca que o movimento hip-hop teve um papel conscientizador em sua formação, especialmente em relação a questões sociais, como o machismo. Ele reconhece que, mesmo os homens, têm tendências machistas em suas criações, mas o hip-hop o fez perceber e questionar essas atitudes. Ele acredita que o movimento liberta o pensamento do modelo tradicional de gênero, permitindo uma perspectiva mais aberta e igualitária. KL ressalta a capacidade do hip-hop de acompanhar as discussões sociais e incorporar essas questões nas letras e discursos do rap. Ele menciona o exemplo dos Racionais MC 's, que retiraram canções machistas de seu repertório, mostrando a disposição do movimento em se

adaptar às transformações da sociedade. KL também destaca que o hip-hop contribuiu para sua consciência sociocultural e política, ampliando seu estudo e entendimento da política eleitoral. Ele acredita que o rap oferece espaço para expressar posicionamentos políticos e que as letras podem despertar consciência e mudança naqueles que as ouvem repetidamente.

KL vê o rap como um meio de conscientização das pessoas e deseja migrar suas letras para uma perspectiva sociopolítica ainda mais presente. Ele reconhece o poder do rap em denunciar questões e expressar sentimentos, e destaca o compromisso do movimento hip-hop em se engajar politicamente.

Eu acho que não só eu, como outros artistas também aproveitam o espaço que tem no rap, o livre arbítrio de usar aquelas letras para dizer o que realmente está acontecendo. Tem muita gente que escuta, vê o que tem nas letras, mas não quer entender aquilo. E aquele som tocando no seu ouvido diariamente, várias vezes, você vai entender que aquele cara está errado, que aquele está certo, que precisa ser mudado, etc. (KL, 2022).

Gonçalves (2013) traz contribuições que corroboram com o pensamento de KL com a discussão sobre o compromisso que o movimento hip-hop assume ao engajar-se politicamente e ativamente.

Eles descobriram nesse estilo musical e estético um modo inventivo para expressar e disseminar suas ideias e sentimentos: na escrita rap são percebidos mais facilmente a apropriação dos elementos da cultura local. A crítica e denúncia social é o elemento 'condutor' do 'movimento hip-hop' que, para além da produção artística e cultural, ele é comprometido com o engajamento 'político'. Essa dimensão crítica, de engajamento e de ativismo social é um traço marcante do 'movimento hip-hop' [...] (GONÇALVES, 2013, p. 135).

KL atribui ao hip-hop uma mudança em sua própria realidade, tanto em termos de formação pessoal quanto na superação de problemas como a depressão. Ele destaca que o hip-hop deu sentido à sua vida e o ajudou a enfrentar desafios, como escrever músicas e obter reconhecimento por meio de shows. O relato de KL ressalta a importância do hip-hop como um construtor de trajetórias e identidades juvenis, oferecendo um caminho a seguir e experienciar. Outro fator que ele ressalta, é da contribuição do movimento para o seu amadurecimento profissional, porém, traz críticas quanto à falta de valorização da cena do hip-hop natalense por parte da cultura no município.

[...] eu queria que tivesse mais cultura hip-hop dentro do bairro. Mais festivais, que trouxesse os músicos de hip-hop, de rap para cantar, só que sem os artistas de fora, tendo em vista que ultimamente festas e bailes só tem artistas de fora, e quando vem de dentro não é o artista de hip-hop que realmente é de periferia... vem geralmente pessoas que são, que moram em Ponta Negra, bairro bem... [elitizado]... que vão cantar nesse festival que leva uma realidade nada a ver com o que ele vive e o artista que vive na periferia, que cresceu sabendo que aquilo era difícil pra ele e conseguiu ter um desvio daquilo ali pra uma coisa melhor, não chamam ele pra ter uma oportunidade (KL, 2022).

Considerações

No âmbito da educação e formação musical, existe a necessidade de um maior número de estudos que possam se debruçar sobre a temática da cultura hip-hop e suas dimensões sociopolíticas e formativas. Após realizar um levantamento bibliográfico inicial, foram encontrados poucos trabalhos nesta área, e parte destes abordam o movimento dentro da perspectiva de sala de aula, com trabalho experimental, de criação e composição ou ainda sobre gostos e escutas musicais juvenis.

Dessa maneira, aumentar o volume de pesquisas nesta perspectiva é fundamental para o que se tem pesquisado atualmente em educação musical, pois, além de contribuir para a produção científica em música, também amplia a discussão da pluralidade no campo de estudo e visa contribuir com os estudos desenvolvidos nesta linha de pesquisa sobre dimensões e processos de formação em música.

Nesse sentido, esta pesquisa pretendeu apresentar o ponto de vista de alguém inserido na cultura hip-hop da Grande Natal, expondo suas vivências dentro da cena cultural, suas experiências artísticas, políticas/sociais e os desafios para manter em evidência o movimento dentro de sua comunidade.

KL relata as suas experiências dentro da cena cultural da cidade e um dos principais desafios se configura na formação de público nas apresentações de rap, bem como na falta de valorização de quem fomenta a cultura na Grande Natal. Para KL, estes espaços seriam uma grande oportunidade de conhecer quem está ali no palco e a sua música e “ter um corpo a corpo com o artista” (KL, 2022) e lamenta que cada vez mais as pessoas estejam inclinadas para a apreciação de um produto musical.

Ele vislumbra que as oportunidades para o movimento hip-hop cresçam no município, considerando as leis de fomento à cultura, bem como a realização de festivais de música, que abrem espaço para que artistas independentes e novos artistas apresentem seus trabalhos. Para KL, a arte de outros estados não é diferente da que é feita no RN e afirma que falta valorização. “O que você vê lá fora você vê aqui dentro, só não tem o reconhecimento que precisa (KL, 2022)”.

KL fala do seu sonho: “viver como artista e viver da minha arte como muitos querem e poucos conseguem ultimamente” (KL, 2022), pois reconhece os desafios que estão implícitos e explícitos nessas escolhas. Mas expõe a sua disposição para lutar pelo que deseja: compor a cena do hip-hop natalense e alcançar reconhecimento, sobretudo, do seu bairro, que representa as suas origens. O seu desejo é de transformar a realidade “da sua periferia através da arte e da cultura” (GONÇALVES, 2013, p. 41).

Mediante a discussão desencadeada neste estudo, compreende-se que a educação musical cumpre um papel fundamental dentro do processo de formação musical, que perpassa pelo âmbito sociocultural e político, pois, ocorre dentro de um espaço alternativo dentro do hip-hop, que acolhe perspectivas de ensino além da escola básica. Assim, compreendo que a produção de trabalhos como este, tendem a contribuir para as discussões na área de música, entendendo que a educação musical pode ampliar suas ênfases de pesquisa, bem como no aumento de pesquisas que envolvam juventudes e periferias.

Dessa maneira, pretendo dar continuidade a este estudo, no âmbito do mestrado em música, por meio de uma pesquisa de caráter exploratória, com o intuito de mapear essa cena musical, pode contribuir com uma maior visibilidade e fortalecimento do movimento hip-hop dentro do estado, bem como proporcionar maior reconhecimento a esses artistas, seja para a cultura do município, como para a ampliação de pesquisas e investigações que discutem a música periférica.

Referências

ARALDI, Juciane. Prática musical de DJs e educação musical. In: XVII CONGRESSO DA ANPPOM, 2007. *Anais...* São Paulo, 2007. Disponível em: https://anppom.org.br/anais/anaiscongresso_anppom_2007/educacao_musical.html. Acesso em: 01/10/2023.

ARAÚJO, Maria Joyce Oliveira de. **O direito à cidade na perspectiva da Batalha da Esperança: a voz subalterna do rap**. 2019. 51f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Gestão de Políticas Públicas, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2019.

BONI, V.; QUARESMA, S. J. Aprendendo a entrevistar: como fazer entrevistas em Ciências Sociais. **Em Tese**, v. 2, n. 1, p. 68-80, 2005. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/emtese/article/download/18027/16976/56348> . Acesso em: 22/05/2022.

COUTINHO, Eduardo Granja. A comunicação do oprimido: malandragem, marginalidade e contra-hegemonia. In: PAIVA, Raquel; SANTOS, Cristiano (Orgs.). **Comunidade e contra-hegemonia: rotas de comunicação alternativa**. Rio de Janeiro: Mauad, 2008. p. 61-74

DAYRELL, Juarez. **O rap e o funk na socialização da juventude**. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v.28, n.1, p. 117-136, jan./jun. 2002.

FONSECA, João José Saraida. **Metodologia da pesquisa científica**. Fortaleza: UEC, 2002. Apostila.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2007.

GONÇALVES, Julimar da Silva. **Poéticas do rap engajado e juventudes nas periferias urbanas de Natal-RN**. 2013. 200 f. Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Programa de Pós Graduação em Ciências Sociais. Natal, 2013.

REILY, Suzel Ana. O musicar local e a produção musical da localidade. **GIS - Gesto, Imagem E Som - Revista De Antropologia**, São Paulo, 2021.

ROCHA, Virginia. Da teoria à análise: Uma introdução ao uso de entrevistas individuais semiestruturadas na ciência política. **Revista Política Hoje**, abr. 2021. Disponível em: <<https://periodicos.ufpe.br/revistas/politicahoje/article/view/247229>>. Acesso em: 22 maio de 2022.

SILVA, Djenane V. S. **“Uma fita de mil grau”: o movimento hip hop na construção de identidades culturais e afrodiaspóricas**. 155 p. Dissertação (Mestrado) – Escola de Música, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2018.

SOUZA, Jusamara; FIALHO, Vania Malaguti; ARALDI, Juciane. **Hip-hop: da rua para a escola**. Porto Alegre: Sulina, 3 ed. 2008.

TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1987.

